



**XX REDOR**

Encontro da Rede Feminista Norte  
e Nordeste de Estudos e Pesquisas  
sobre Mulher e Relações de Gênero

## **Produção de sentidos sobre o uso de drogas no contexto da atenção a pessoas que denunciam LGBTfobia**

Dulce Carolina de Barros da Costa; Benedito Medrado.

Universidade Federal de Pernambuco; [carolb@hotmail.com](mailto:carolb@hotmail.com)

Universidade Federal de Pernambuco; [beneditomedrado@gmail.com](mailto:beneditomedrado@gmail.com)

**Resumo:** Este trabalho visa compartilhar escolhas metodológicas de uma pesquisa, cujo objetivo é analisar o uso de repertórios discursivos sobre uso de drogas por profissionais de um serviço de referência no acolhimento a pessoas em situação de LGBTfobia. Para tanto, adotamos como marco teórico-metodológico os estudos em Psicologia Social sobre construcionismo social, em consonância com estudos sobre o governo das populações, com as leituras críticas feministas sobre o fazer científico e com as contribuições do movimento queer aos estudos sobre sexualidade. Escolhemos a “observação no cotidiano” do serviço como técnica de produção de dados, a partir da qual é possível identificar produções discursivas negociadas, efeitos de certas práticas, demandas, expectativas e perspectivas. Essa abordagem parte de uma perspectiva construcionista em psicologia social que considera que o cotidiano não está restrito a repetição, ao que é comum diariamente, pois nele são lançados e negociados os sentidos. De modo complementar, optamos, também, por realizar entrevistas semi-estruturadas, de modo dialógico, configurando-se uma co-construção de sentidos. Neste evento, pretendemos abordar o percurso metodológico, seus entraves e alternativas, bem como apresentar algumas linhas de análise, produzidas a partir da identificação de cenas e repertórios discursivos.

### **Contextualizando a pesquisa**

O uso, abuso e dependência de drogas é uma questão social complexa e não está restrita a população LGBT. Porém, Pedro Paulo Antunes (2016), aponta uma elevada incidência de uso prejudicial de drogas por esta população.

Nesse sentido, a literatura aponta que a discriminação é um dos fatores que contribuem para uso de substâncias psicoativas, pois, muitos usam drogas lícitas e ilícitas como facilitadoras para interações sociais e sexuais, bem como para reduzir a ansiedade, angústia, depressão, negação, culpa, medo e

emoções associadas à homofobia (ANTUNES, 2016).

Foi a partir da prática clínica que compreendi a complexidade deste fenômeno social. Por vezes, a droga se inscreve na dimensão de pertencimento, vínculo social, transcendência, celebração da vida; outras tantas, reflete a face do sofrimento, da dor, da dependência. Compreender qual a importância da droga, o lugar que esse objeto ocupa e a função do mesmo na vida da pessoa, são vias que nos dá acesso às nuances desta relação.

Marco Duarte (2015), identifica em sua pesquisa sobre uso de drogas por pessoas



**XX REDOR**

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

LGBT, falhas no apoio e suporte aos usuários, pelos serviços sociais públicos e privados, observou-se o silenciamento e a invisibilidade desses sujeitos, mas, principalmente, o despreparo para realizar mudanças sobre o preconceito no trato com as pessoas LGBT.

Diante disso, o peso do estigma e das vulnerabilidades produzidas socialmente direcionadas a essa população, particularmente quando se associa ao estigma do usuário de drogas, produzindo mais um agravante: o distanciamento dos serviços públicos.

O peso duplo do estigma estende-se aos processos investigativos dos crimes contra LGBT. Roberto Efrem Filho (2016) em estudo sobre os homicídios de pessoas LGBT, evidencia o fato da inserção pessoas LGBT em contextos atravessados por outras “marginalidades”, confundindo-se com tráfico, a prostituição, a exploração sexual.

Marco Duarte (2015) ressalta que o uso de drogas por pessoas LGBT não apresenta um padrão de consumo mais problemático e “desviante” do que dos heterossexuais. E isso se deve ao que essas pessoas já internalizaram, como constrangimento, ansiedade, depressão, baixa autoestima, em

virtude da LGBTfobia.

Este trabalho visa compartilhar escolhas metodológicas de uma pesquisa, cujo objetivo é analisar o repertório discursivo sobre uso de drogas por profissionais de um serviço de referência no acolhimento a pessoas em situação de LGBTfobia.

Para compreender como é abordado o uso de drogas no cotidiano de um serviço de atenção a pessoas denunciam a LGBTfobia, nos fundamentamos em uma matriz feminista, de abordagem qualitativa, orientada pela psicologia discursiva na interface com o construcionismo social.

Esta pesquisa integra o projeto Atenção psicossocial no contexto das estratégias governamentais para enfrentamento à violência baseada em orientação sexual e/ou identidade de gênero. Esse projeto está sendo desenvolvido no GEMA/UFPE (Núcleo Feminista de Gênero e Masculinidades) e é coordenado pelo Professor Dr. Benedito Medrado. Tem como objetivo principal analisar estratégias de acolhimento e assistência a pessoas que denunciam violência ou discriminação, em função de sua orientação sexual e/ou identidade de gênero na região Metropolitana do Recife.



**XX REDOR**

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

Portanto, discutir a relação entre homofobia e uso de drogas, numa perspectiva interseccional, mostra-se como questão relevante para produção de conhecimento. O modelo heteronormativo estabelecido, assim como, a política proibicionista, produz precariedade e vulnerabiliza pessoas LGBT e ou usuárixs de drogas. Este trabalho justifica-se, pela urgência do tema, sobretudo em decorrência da invisibilidade e silenciamento dessas existências sociais, submetidas às mais variadas violações de direitos humanos, principalmente: liberdade, igualdade, dignidade, respeito, integridade, segurança.

### **(In)pertinências metodológicas**

A definição do objeto, dos objetivos e do problema de pesquisa é marco importante, no entanto, todos esses elementos do projeto, não são estáticos. A imersão no campo de pesquisa nos desafia e nos transforma. Portanto, “o método deixa de ser o rio asséptico por onde passa a pesquisa e se configura, de fato, como coprodutor do próprio objeto e da pergunta de pesquisa (MEDRADO e LYRA ,2015, P.4)”.

Nessa linha de argumentação, a produção de conhecimento feminista

se opõe ao modelo colonizador, não posicionado, que se propõe universal, naturalizador e normatizador. Sendo assim, sujeitos e objetos de pesquisa precisam entrar num constante e ininterrupto processo de desfamiliarização e problematização.

Desse modo, propomos outra “perspectiva cuja prática privilegia a contestação, a desconstrução, as conexões em rede e a esperança na transformação dos sistemas de conhecimento e das maneiras de ver o mundo menos organizados por eixos de dominação” (HARAWAY, DONNA, 1995, p. 20).

É importante situar que inspiradas no feminismo decolonial, a partir dos estudos de Maria Lugones(2014), Aníbal Quijano (1992), compreendemos criticamente a cisheteronormativa compulsória como consequência das normas e padrões eurocentrados. As práticas cotidianas revelam que o processo de colonização apagou a pluralidade da performatividade de gênero, ao naturalizar a cisheterossexualidade.

### **Procedimentos metodológicos**

Para relatar as estratégias metodológicas, é fundamental situar esse estudo como fruto de uma experiência coletiva, foram nas



**XX REDOR**

Encontro da Rede Feminista Norte  
e Nordeste de Estudos e Pesquisas  
sobre Mulher e Relações de Gênero

reuniões semanais com a equipe de pesquisadoras do GEMA que os procedimentos foram construídos, debatidos, repensados, problematizados. Essa prática tornou menos solitário o processo, tornando mais complexa e refinada a produção. Descreverei, de maneira sucinta, as escolhas feitas a partir dos objetivos específicos:

- a) Para mapear os serviços que se propõe a acolher e orientar as pessoas que relataram violência LGBTfóbica na cidade de Recife;

Inicialmente, optamos, como estratégia de aproximação do campo, por um serviço de referência no estado, a escolha deste dispositivo justifica-se pela relevância dele na rede de enfrentamento a LGBTfobia, com atuação na garantia dos direitos e do respeito à livre orientação afetivo/sexual e identidades de gênero em Pernambuco.

A equipe é composta por uma coordenação, um assistente social, duas advogadas, duas psicólogas, dois apoios administrativos. O diálogo estabelecido contribuiu para o mapeamento da rede.

Reitero que os dados produzidos são resultado de um esforço coletivo, uma equipe composta por quinze pesquisadores e, também, militantes no campo dos

direitos sexuais, facilitou o acesso á rede.

Estabelecemos como critério de delimitação da rede, serviços que fossem localizados no Recife, a razão para essa escolha foi à possibilidade de acesso aos dispositivos.

Dessa forma, após seleção dos serviços, elaboramos um roteiro de perfil institucional. As questões versavam sobre dados gerais, tais como objetivos dos serviços, tempo de atuação, composição da equipe, população atendida, atividades desenvolvidas. As respostas contribuíram para conhecer melhor o lugar na rede de serviços a população LGBT que denuncia a LGBTfobia.

A equipe de pesquisadores foi dividida em duplas para realização desta etapa, os dez serviços identificados, desenvolvem atividades de enfrentamento a LGBTfobia. Essas informações foram organizadas em um quadro, no qual estão registrados nome da instituição, tipo de gestão e campo de atuação.



# XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

Quadro 1. Classificação das instituições que atuam no enfrentamento a LGBTfobia localizadas na cidade do Recife.

Instituição	Tipo de Gestão	Campo de Atuação
Ambulatório LBT do Hospital da Mulher do Recife	Municipal	Saúde
Ambulatório LGBT “Patrícia Gomes” na Policlínica Lessa de Andrade	Municipal	Saúde
Centro de Referência em Cidadania LGBT	Municipal	Direitos Humanos
Centro Estadual de Combate à Homofobia	Estadual	Direitos Humanos
Diretoria LGBT da UFPE	Federal	Educação
Espaço Trans – Hospital das Clínicas – UFPE	Federal	Saúde
Espaço Trans Identidades “Leonardo Tenório” – CISAM – UPE	Estadual	Saúde
Gestos	ONG	Saúde, educação, Direitos Humanos, Assistência Social
OGTP+	ONG	Saúde, educação, Assistência Social
Instituto Boa Vista	ONG	Direitos Humanos, Assistência social

b) Para analisar repertórios sobre o uso das drogas, a partir de aproximações no cotidiano de um serviço especializado para atenção psicossocial de pessoas que denunciam a LGBTfobia em Recife, identificada no mapeamento;

Essa etapa da pesquisa, embora a narrativa possa parecer linear e estática, desenvolveu-se de maneira fluida, em diversas atividades desenvolvida pelo serviço de enfrentamento a LGBTfobia.

Tomamos como posicionamento a não identificar o serviço onde realizamos a pesquisa, essa escolha justifica-se pois o interesse desse estudo não é o serviço. Portanto, utilizar a noção de produção de sentido, revela-se pertinente, porque, no cotidiano sempre se está produzindo sentido de forma ativa e não estática.

Através do movimento construcionista, temos a possibilidade de identificar como no interior de cada contexto as pessoas descrevem, explicam e compreendem determinados temas (Benedito Medrado, 2002).

Assim, acessar os repertórios disponíveis para dar sentido ao uso de drogas da população LGBT que denuncia LGBTfobia e pensar quais possibilidades de



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

ações dentro do setor de Atenção Psicossocial, desenvolveu-se no cotidiano do serviço.

Para Peter Spink (2008) o cotidiano é tudo que temos. É nele que são lançados e negociamos os sentidos, sob esta abordagem teórico metodológica o cotidiano não está restrito a repetição, ao que é comum diariamente.

Nas palavras de Mélo devemos definir o “cotidiano como espaço de práticas, lugar de efetuação e construção de sentido [...] o cotidiano é plural: espaço de argumentação, de negociação de sentidos (2006,p.94)”.

Peter Spink (2007) enfatiza que uma pesquisa construcionista não tem como foco pesquisar o cotidiano. Existe larga diferença, pois, como diz a autor, “se pesquisarmos o cotidiano, estabeleceremos a clássica separação entre pesquisador e seu objeto de pesquisa. Mas, se pesquisarmos no cotidiano, seremos partícipes dessas ações que se desenrolam em espaços de convivência mais ou menos públicos” (SPINK, 2007, p. 7)

Cabe destacar a receptividade da equipe, reconheciam-me como pesquisadora e por terem conhecimento da minha trajetória profissional no campo dos cuidados aos usuários de drogas, quando algo relacionado ao tema surgia,

eu era convidada a participar, principalmente nas formações ofertadas nas Instituições carcerárias e nos serviços de atenção aos usuários de drogas. Essa reação parecia-me efeito de uma aceitação por parte da equipe de minha presença.

Além da observação no cotidiano, realizamos entrevistas com a equipe do serviço escolhido. Nessa etapa, tivemos dificuldade de agendamento, em virtude de ter sido no mês de maio, período em que são desenvolvidas inúmeras atividades relacionadas ao 17 de maio, data de enfrentamento a LGBTfobia.

A escolha da entrevista como ferramenta de interação dialógica, situada e contextualizada, por meio da qual se produz sentidos e constrói versões da realidade (Odette Pinheiro, 1999).

No entanto, optamos por entrevistas semi-estruturadas, pois o roteiro é mais sucinto apresenta maior flexibilidade no diálogo entre entrevistadoras e entrevistadas.

As entrevistas foram realizadas no serviço, e em conjunto com outra pesquisadora do GEMA, essa é uma maneira de ampliar as possibilidades de diálogo e divisão de atenção, todas as entrevistas foram realizadas na sala de atendimento, sem a interferência de outros integrantes da equipe.

Os interlocutores, por meio do Termo de



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) da pesquisa, podem ter uma ideia de nossos objetivos, conseqüentemente, a depender de seus graus de elucidação acerca do tema, podem prever que tipos de posicionamentos são tidos como corretos ou não. O participante desta pesquisa está ciente do conteúdo dela, o que torna as respostas passíveis de julgamento moral – do interlocutor – em alguma medida.

De fato, enunciados caracteriza e define algo, não necessariamente reflete o mundo real, as definições são subjetivas e construídas social e historicamente.

Nesse sentido, entendemos repertórios a partir do que propõe Mary Jane Spink e Benedito Medrado (1995) são termos, conceitos, lugar-comum e figuras de linguagem que são usados em nossas práticas discursivas. Porém, quando trabalhamos com repertórios, precisamos encarar o fato de que eles fazem parte de uma longa história cultural.

Além disso, em nossas práticas profissionais não lidamos apenas com repertórios adquiridos por meio da literatura psicológica. Assumimos e deixamos de assumir diversas posições interacionais ao longo do dia e, desse modo, usamos repertórios que têm ressonâncias no tempo longo da história, embora essa história torne-se

presente através do discurso. Compreendemos que os repertórios possuem imensa diversidade e não são aprendidos de maneira formal e sim no cotidiano em contextos igualmente diversos.

Contudo, vale ressaltar que a produção de sentidos é um fenômeno sociolinguístico, não depende exclusivamente do indivíduo, nem acontece apenas por processos cognitivos de algo, ele ocorre na interação, pela linguagem em uso, num processo dialógico (SPINK; MEDRADO, 2013).

### **Resultados**

Nos relatos obtidos por meio da entrevista semi-estruturada, com os sete integrantes da equipe, foram identificadas as temáticas que se referem aos temas abaixo descritos:

#### **Tipos de uso de drogas**

**P:** Você já acompanhou alguma pessoa usuária de drogas?

E1: Assim, tem alguns LGBT que usam drogas, *mas isso não atrapalha vida dessas pessoas, assim que eu tenha atendido, entendeu? Não atrapalha.*

E2: *Não, que tivesse fazendo uso abusivo não. Agora isso recreativo de álcool e maconha sim, nunca chegou crack, nunca ouvi falar de outra não mais pesada.*

E3: *Muitas. A gente faz uma triagem, né?*



**XX REDOR**

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

*E na triagem a gente procura... Nunca atendi, assim, sob efeito, que não desse pra atender por causa da droga.*

**Fatores emocionais em relação ao consumo.**

**P:** Como você percebe a relação do uso de drogas da população LGBT ?

**E2:** “ Vocês já pararam pra pensar que esse homem, essa mulher trans que tá chegando lá no serviço, entrou no mundo das drogas como um refúgio, uma válvula de escape (...) E aí é quando tem essa negação da família, essa repressão

**E3:** *Eu acho que uso de droga, na realidade, na minha concepção, ele tá muito ligado ao mecanismo de defesa das pessoas de um modo geral, não só LGBT.*

**E4:** *A droga vem aí no meio como uma forma da pessoa aliviar aquelas tensões, diminuir aqueles problemas entre aspas, tá entendendo?*

**Uso de drogas: uma estratégia de Redução de Danos para LGBT em situação de rua e profissionais do sexo.**

**P:** Como você percebe a relação do uso de drogas da população LGBT?

**E2:** *O uso tá muito associado à população em situação de rua, principalmente as que procuram o serviço.*

**E3:** *No meio LGBT é muito... Eles usam muito, principalmente quem se prostitui a noite, muitos deles que usa*

*até pra suportar que tenham que fazer aquilo pra ganhar dinheiro. Quando a gente foi fazer a panfletagem nos locais de prostituição, elas diziam “a gente tem que beber, ou usar alguma droga pra pegar 10 clientes por noite, não é fácil não” é uma forma de encarar esse trabalho árduo.*

**E6:** *O uso de drogas eu vejo mais por conta da população trans e travestis também. Até como um meio de sobrevivência pela falta de apoio, então vão pra rua e é muito complicado. É uma situação muito complexa.*

**Discussão**

Os relatos aqui compartilhados são uma pequena amostra do que foi problematizado, a partir das conversas com a equipe de pesquisa e de entrevistadas/os. Pode-se notar, em algumas narrativas para os diferentes padrões de uso das substâncias psicoativas e seus efeitos no organismo humano, as entrevistadas não fazem associação direta do uso a dependência. O uso apresenta características e significados diversos de acordo com as particularidades de cada pessoa e, principalmente, com o seu contexto.

Destacamos essa fala como um registro importante sobre hierarquizar as substâncias entre pesadas e leves, muito embora não faça a correlação com a



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

licitude *“Aqui só chegou isso beber e fumar maconha, nunca chegou crack, nunca ouvi falar de outra não mais pesada”*.

Além disso, reflete uma dimensão importante no que tange do uso de drogas, ao relacionar de forma direta crack como uma droga pesada, fetichiza a substância e convenientemente minimiza processos sociais muito mais amplos, de modo a produzir estigmas e estereótipos, essa fala reflete sobre os diferentes potenciais dependogênicos das substâncias.

Devemos considerar a forma de apresentação, a acessibilidade e o custo das substâncias, seus diferentes modos de uso (se ingerida, inalada, fumada, injetada) e suas características farmacológicas, todos esses fatores interagem e produzem efeitos distintos.

A fala a seguir reflete um caráter moral, uma concepção estigmatizada do usuário E5: *“ter problemas, enfrentar, chegar alguém drogado nunca tivemos não (...)Eu nunca acompanhei. Até que nosso público aqui é bem comportado”*. Desse modo, reflete uma postura discriminatória, porque, frequentemente, uso dependente está associado a práticas de irresponsabilidade, de prazer irrestrito, de delinquência e de afronta aos hábitos e

costumes socialmente aceitos.

As entrevistadas interpretam o uso de drogas como uma ‘fuga’ de algum tipo de realidade que o/a usuário/a considera opressiva ou insuportável. Essa tem sido uma resposta superficial e do senso comum. MacRae defende que o uso de drogas não se dá desvinculado do contexto social mais amplo, mas tampouco se dá necessariamente determinado por ele em detrimento de particularidades dos indivíduos e de seus contextos específicos.

A literatura nos pensar que o abuso de substâncias psicoativas, dentre a população LGBT, está relacionado ao estigma associado ao modelo cisheteronormativo, seja para aliviar o sofrimento pela discriminação sofrida ou como forma de diminuir a autocensura pela própria orientação sexual, em função da interlização da LGBTfobia (GARCIA, 2013; ANTUNES, 2014).

De acordo com o autor, o fator de maior interferência nesta relação com uso de drogas é o preconceito, pois muitos usam drogas lícitas e ilícitas como facilitadoras para interações sociais e sexuais, bem como para reduzir a ansiedade, angústia, depressão, negação, culpa, medo e emoções associadas à homofobia (ANTUNES, 2014).



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

Existe um alto índice de pessoas LGBT em situação de rua, esta parcela da população é mais susceptível a serem expulsos ou fugirem de casa devido a não aceitação da família, e de outros espaços de socialização, também apresentam um histórico mais frequente de violência física e sexual na família de origem e, posteriormente, quando estão nas ruas (GARCIA, 2013)

Alguns estudos no âmbito das Ciências Humanas apontam que os conflitos familiares relacionados ao rompimento com o padrão heteronormativo é um dos principais fatores para a situação de rua da população LGBT. Nesse sentido, essa parcela da população tem estado vulnerável à infecção do HIV, na maioria das vezes, associado ao abuso de substâncias psicoativas, à falta de moradia fixa, à prostituição e ao tráfico de drogas. (EFREM, 2016; GARCIA, 2013; DUARTE, 2011)

### **Conclusão**

Essa primeira explanação, traçam contornos básicos para o campo que nos propomos a pesquisa, não tendo nenhum compromisso com verdade ou mesmo definição da realidade, versão aqui trazida, fala de um ponto de vista.

Essa perspectiva é marcada por reflexões sobre os efeitos práticos no

cotidiano através de um leitura decolonial.

Desse modo, observa-se uma busca coletiva por atingir um padrão de eurocentrado e que está alinhado com um projeto colonizador deslegitima um pluralidade de maneira de viver, de se relacionar com a terra, de estética, de cultura, de sexualidade e de religião.

Esse processo produz o silenciamento e aniquilação, dos que estão no extremo oposto desta referência e comumente são discriminados por não perfazer o modelo posto como universal e natural, biologicamente cristalizado. É uma construção que aniquila com as subjetividades das pessoas colonizadas por serem construídas e narradas sempre a partir de um lugar negativo. A colonialidade reforça um não-lugar para essas pessoas.

Por outro lado, ao se analisar o conceito foucaultiano de práticas discursivas, não se pode perder de vista as condições de produção desses discursos. Portanto, conteúdos de verdade não são a preocupação dessa abordagem, nem tão pouco algum significado oculto. Mas, sim, o jogo discursivo que produz sentidos nas práticas sociais.

Por fim, concluo, que a lógica colonial hierárquica e dicotômica estabelece jogos de poder nas relações descritas, ainda que



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

incipiente, poder pensar a partir da potência desse deslocamento, ao questionar o fenômeno do uso de drogas em um serviço de atenção a pessoas que denunciam LGBTfobia. O convite é de enfrentar a naturalização ou mesmo a invisibilidade diante da complexidade do fenômeno.

### Referências

ANTUNES, Pedro Paulo Sammarco. **Homofobia internalizada**: o preconceito do homossexual contra si mesmo. 2016. 433 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.

BARRILLO, D. **HOMOFOBIA. História e crítica de um preconceito**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. São Paulo: Civilização Brasileira, 2017.

CARDOSO MR, Ferro LF. Saúde e população LGBT: demandas e especificidades em questão. *Psicologia Ciencia e Profissão*. 2012;32(3):552-63.

DUARTE, M. J. O. . **Diversidade Sexual e Política Nacional de Saúde Mental**: Contribuições pertinentes dos sujeitos insistentes. *Em Pauta (Rio De Janeiro)* , v. 9, p. 83-101, 2011.

\_\_\_\_\_. **Cuidado de si e diversidade sexual**: capturas, rupturas e resistências na produção de políticas e direitos LGBT no campo da

saúde. In: Alessandro Rodrigues; Catarina Dallapicula; Sergio Rodrigo da S. Ferreira. (Org.). *TransPosições: lugares e fronteiras em Sexualidade e Educação*. 1ed. Vitória: EdUFES E-livros, 2015, v. 1, p. 321-348.

DIEHL, A.; VIEIRA, D. L.; SANTORO, L. **Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros**. In: DIEHL, A.; CORDEIRO, D. C.; LARANJEIRAS, R. (Org.). *Dependência química: prevenção, tratamento e políticas públicas*. Porto Alegre: Editora ARTMED GRUPO A, 2011.

EFREM FILHO, Roberto. **Corpos brutalizados**: conflitos e materializações nas mortes de LGBT. *Cad. Pagu*. 2016, n.46, pp.311-340

GARCIA, M. **Diversidade sexual, situação de rua, vivências nômades e contextos de vulnerabilidade**. In: *Temas em Psicologia*, vol. 21, nº 3, 2013, p. 1005-1019.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980.

GOMES, Isabelle sena; CAMINHA, Iraquitana de Oliveira. **Guia para estudos de revisão sistemática**: uma opção metodológica para as Ciências do Movimento Humano. *Movimento*, v.20, n.1, Porto Alegre, 2014

GREEN, James Naylor, (2000). **Além do carnaval**: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX. São Paulo: Editora UNESP.

HARAWAY, Donna. **Saberes localizados**: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*. (5), 1995, p. 7-41.



**XX REDOR**

Encontro da Rede Feminista Norte  
e Nordeste de Estudos e Pesquisas  
sobre Mulher e Relações de Gênero

LUGONES, María. **Rumo ao feminismo descolonial.** Estudos Feministas, Florianópolis. Vol.22, n.3, 2014.

MANZINI, E. J. A entrevista na pesquisa social. Didática, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1990/1991.

MORAES, M. (2005). **O Modelo de Atenção Integral à saúde para tratamento de problemas decorrentes do uso de álcool e outras drogas:** percepções de usuários, acompanhantes e profissionais. Dissertação (Mestrado). Recife: Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães, Núcleo de Saúde Coletiva da Fundação Oswaldo Cruz, Universidade Federal de Pernambuco.

MEDRADO, Benedito, et.al. Literatura científica sobre gravidez na adolescência como dispositivo de produção de paternidades. In Toneli, M. 2010

MÉLLO, Ricardo Pimentel; DI PAOLO, Angela Flexa. **Subjetivações, identidades e o linguajar.** Estudos e Pesquisas em Psicologia, UERJ, RJ, ano 7. n. 3, p. 131-142, 2º semestre de 2007.

MÉLLO, Ricardo; SILVA, Alyne; LIMA, Maria Lúcia; DI PAOLO, Angela. **Construcionismo, práticas discursivas e possibilidades de pesquisa em psicologia social.** Revista Psicologia & Sociedade, São Paulo, v. 19, n. 3, p. 26-32, set-dez

SPINK, Mary Jane; FREZZA, Rose Mary. Práticas discursivas e produção de sentidos: a perspectiva da Psicologia Social. In.: SPINK, Mary Jane (Org.). **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano:** aproximações teóricas e metodológicas. – 3ª ed. – São Paulo: Cortez, 2004.

SPINK, Mary Jane; MEDRADO, Benedito. **Produção de sentidos no cotidiano:** uma abordagem teórico - metodológica para análise das práticas discursivas. In.: SPINK, Mary Jane (Org.). Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas. – 3ª ed. – São Paulo: Cortez, 2004.

SPINK, Mary Jane. **Linguagem e produção de sentidos no cotidiano** [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010.

SPINK, Peter Kevin. **Pesquisa de campo em psicologia social:** uma perspectiva pós-construcionista. Psicologia & Sociedade; 15 (2): 18-42; 2003.